B
11563
S

CONDE DE MONSARAZ

S. C. S. R. 10 b. 3 d. 7 n. 24

BEMVINDA

POEMA EM 5 CANTOS

85 4
n. 1939

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5—Largo de Camões—6
1903

Ao sempre querido Gabriel Pe-
reira — grande talento e
generoso coração — pelo
muito que lhe quer e o
admira

BEMVINDA

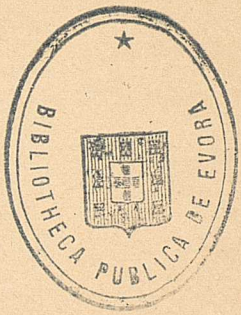
offᵉˢ cordialmente
o seu velho amigo

Conde de Monsaraz

CONDE DE MONSARAZ

BEMVINDA

POEMA EM 5 CANTOS



LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5—Largo de Camões—6
1903

Porto — Imp. Portugueza, rua Formosa, 112

I

I

Bemvinda, a filha do sineiro, é loira
E alegre como o sol que os campos doira.

Delgada e fragil como as assucenas
Que oscillam mesmo nas manhãs serenas,

Gota d'orvalho transparente e pura,
Que um dia Deus deixou cahir da altura

Sobre a triste existencia temporal
Do sineiro da velha cathedral.

Vinte annos sem ter filhos, já não era
Provavel que uma flôr de primavera

Viesse, em plena luz, desabrochar
Na esteril decadencia do seu lar.

A mãe já tinha feito quarenta annos
E elle sessenta; enfermidades, damnos

E a solidão que as almas enregela,
Fizeram pouco a pouco d'elle e d'ella

Dois tristes seres arrastando a vida
Difficilmente, na mansarda erguida

Na egreja, sob um vão de contraforte
Que ampara a torre contra o vento norte.

De modo que ao nascer essa creança
Com ella renasceu tambem a esperança,

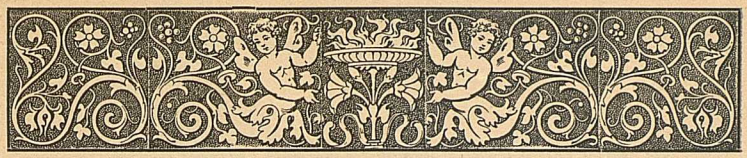
Chamma que irrompe d'entre cinzas frias,
De melhor tempo e mais alegres dias.

E porque veio assim, formosa e linda,
No mez de abril, chamaram-lhe Bemvinda.

Gastou-se a mãe no leite que lhe deu,
E logo após a creação, morreu,

Vendo ao clarão do derradeiro olhar
A filha a rir e o pae a soluçar.

II



II

Bemvinda tem quinze annos. Cada dia
Que rompe entre clareiras de alegria

No immaculado azul dos olhos d'ella,
Anoitece, com medo de perdel-a,

No coração do lugubre sineiro,
Não vá, ultima flôr do seu canteiro,

Ser tambem desfolhada pela morte.
O medo de a perder turva-o de sorte

Que se ella o vê a olhar, calado e bronco,
E haste nova cingida a um velho tronco,

O abraça e beija em éstos de prazer,
Quer e não póde as lagrimas conter.

Capricho singular da natureza,
Ser a alegria fonte da tristeza

N'aquellas duas almas tão visinhas
Das nuvens altas e das andorinhas,

Vivendo entre beiraes e coruchéos,
Distantes mais dos homens que de Deus,

E amando-se no seio oxigenado
Na limpidez do espaço illimitado.

Quando o velho cardiaco se sente
Muitas vezes mais fraco e mais doente,

Bemvinda ergue-se cêdo e é quem moireja:
Varre o largo terraço sobre a egreja,

Rega os vazos dispostos a seu geito,
Em linha, junto ao crasso parapeito,

Nos quaes, ao sol, o seu olhar ufano
Vê sempre a abrir rosas de todo o anno,

E com os braços tenros e franzinos
E as mãos pequenas, lá repica os sinos

Com tão clara alegria pelos ares,
Que as imagens sorriem nos altares,

E voam, n'um ligeiro e alegre bando,
Em volta d'ella os passaros cantando!

Affeita ao culto, alma singela e boa,
A fé tranquilla em Deus habituou-a

Da religião ás praticas submissas:
Confessa-se, jejua e assiste ás missas,

Da ogiva aberta em frente do altar-mór
Toda inclinada para vêr melhor,

Quando ha pontifical ou lausperenne,
O cortejo magnifico e solemne

Do senhor arcebispo, revestido
De capa magna, atraz do seu cabido,

A mitra d'oiro, o baculo aprumado,
Em bençãos para um lado e outro lado.

Tudo a deslumbra. Hysterica e nervosa,
Ebria de incenso e de harmonias, gosa

N'um extasis devoto as coisas bellas
Que esmaltam os altares e as capellas,

Esculturas, jarrões, pratas e rendas,
Os brocatéis e as lhamas estupendas

Que fulgem nas casulas e frontaes,
Mas sobre tudo o que a deslumbra mais,

N'uma impressão de espanto e de grandeza,
É a custodia d'oiro, ao alto, accêsa

No throno em pedrarias de mil côres,
Circumdada de luzes e de flôres!

Bemvinda então, n'um sonho, olhando abstracta
O vae-vem dos thuribulos de prata,

Dos quaes o incenso em flocos dissolventes
Consola os tristes e regala os crentes,

Subindo e desfazendo-se nas naves,
Ouvindo absorta as litanias graves

Que a egreja, ao som dos orgãos doloridos,
Trasborda afflicta em queixas e gemidos,

Então Bemvinda sente-se — que encanto! —
Subir, envolta n'um aéreo manto,

Fulgente d'astros, pelo espaço fóra,
E entrando as portas da perpétua aurora,

Ave do ceu tranquilla que esvoaça
No infinito explendor, cheia de graça,

Escuta Deus, n'uma ternura infinda,
A dizer-lhe: — Que tu sejas bem vinda!

III

III

Bemvinda está doente, a arder em febre,
Ao fundo do tristissimo casebre,

No seu leito de virgem, branco e estreito.
Entrou-lhe a tisica voraz no peito,

E o seu rosto demuda-se á medida
Que nos pulmões lhe vae sugando a vida.

Na limpidez das faces cavernosas
Estua o sangue a desfazer-se em rosas.

O olhar accêso e humido está fixo
Quasi sempre n'um grande crucifixo

Que os dois braços pacificos descerra,
Como azas promptas a voar da terra.

Vem desde a noite fria do Natal,
Lembra-se muito bem, todo o seu mal.

Ouvira missa e a egreja estava quente
Das muitas luzes e da muita gente.

Quando subiu á torre, o luar enchia
A terra e o ceu, como se fosse dia.

Julgou vêr a boiar toda a cidade
N'um oceano sem fim de claridade.

Em baixo, faiscavam como joias
Os lagos dos jardins e as claraboias;

Aqui e alem, recantos e arvoredos
Suggestionavam tragicos segredos,

Assim como agonias e tormentos,
Ao longe, a massa negra dos conventos.

Lembra-se muito bem. Ficou-se a olhar
Todo o explendor d'aquelle immenso mar,

Largando a rédea solta á fantasia
Que por mundos ignotos se perdia.

Depois d'esse imprudente desvario,
Entrou em casa a tiritar com frio.

A seguir veio a febre e veio a tosse,
E a primeira hemoptyse. Tomou posse

Do seu corpo esse mal que a não illude.
Nunca mais teve uma hora de saude.

Dia e noite, é o pae quem trata d'ella,
N'uma angustia que aos poucos o esfacela.

Finge-se alegre, anima-a, a ver se a engana,
N'um tormento que esgota a força humana.

Bemvinda, a cada novas hemoptyses,
Sente um estalar de fibras e raizes,

Que a vae, planta enfermiça, libertando
Da terra vil, do mundo miserando.

E olhos postos no pae que a fita absorto,
Com a expressão e a palidez d'um morto,

Pensa:—Tambem está perto do seu fim...
Talvez que Deus o chame antes de mim!—

Toda a gente conhece na cidade
Aquella dôr e aquella enfermidade,

E avalia do estado da doente
Pelo tocar dos sinos: docemente,

Quasi em segredo, se ella soffre mais,
Morrem no ar sereno queixas e ais

D'um tão dorido e fundo desalento,
D'um choro tal, tão soluçado e lento,

Que, quem os ouve e intende aquella magua,
Murmura, erguendo os olhos razos d'agua:

—A filha do sineiro está peor...—
Mas se os sinos repicam com vigor,

E soam pelo espaço, alegremente,
Em vibrações nervosas, toda a gente

Diz, ao ouvir o toque prazenteiro:
—Está melhor a filha do sineiro!—

Decorre o mez d'abril. Cançada ás vezes
De tanto padecer, vae em trez mezes,

Ergue-se, e como o tempo está seguro,
Sae ao terraço onde respira o ar puro

Dos campos. É o velho quem a ampara.
E ao immergir na luz doirada e clara

Da primavera, o animo parece
Que volta a rir no lindo sol que a aquece,

E a flôr dos labios sêcos lhe alumia
N'uma vaga e recondita alegria.

Tudo quer vêr. É bella a natureza!
Grandes mares de trigo—que riqueza!—

D'um verde forte, ao longe limitados
Pela mancha sinuosa dos montados.

Serras de Portugal, serras de Hespanha,
Na confusão do vago azul que as banha,

Surgem na linha extrema do horisonte.
Mais áquem, n'um cabeço, alveja um *monte*.

Avultam na expansiva alacridade
Velhos conventos fóra da cidade,

Hortas frescas, pomares florescentes...
Mas ha nada mais triste que os doentes!

Quando se sente arrebatada e preza
Á vida universal da natureza,

Quasi esquecida do seu mal precoce,
Quasi alegre e feliz, volta-lhe a tosse,

Voltam-lhe os desalentos e os cansaços,
E o velho tem de a transportar nos braços,

Para a cama, n'um ultimo quebranto,
Banhada em sangue e suffocada em pranto.

IV

IV

Bemvinda em quinta feira da Ascensão
Confessou-se, tomou a communhão

Que o coadjuctor da Sé, piedosamente,
Lhe ministrou. Sentiu-se mais doente,

Viu a morte, e não quiz que ella a levasse
Sem que o sangue de Deus purificasse

A sua alma infeliz de peccadora.
A febre que a requeima e lhe devora

Os ultimos resquicios da existencia,
Luctou com ella e finalmente vence-a

N'uma lucta cruel e desegual.
É pavorosa a lucidez mental

De quem conhece os ultimos instantes,
Sonhos mortos, ideaes agonisantes,

Uma pena de tudo, uma saudade
Da alegria, do amor, da mocidade,

E a apagar-se na escuridão que avança
O ultimo olhar e a derradeira esperança.

Logo a seguir á communhão, Bemvinda,
O ouvido attento e a vista clara ainda,

N'um desalento horrivel que a extenua,
Sente passar, cantando, pela rua,

De volta das searas, raparigas
Com molhos de papoilas e de espigas,

— Os symbolos do amôr e da abundancia. —
As vozes d'ellas perdem-se a distancia,

Na doçura da tarde que esmorece.
Tudo em volta se expande e resplandece,

Na pujança da vida e da saude.
O proprio chão, quer Deus que se transmude

Nos matizes da alfombra appetecida.
A primavera é a saude e a vida.

E ella tão môça a desfazer-se em nada...
É realmente muito desgraçada!

Não ha força que a arranque ao seu destino.
Vae morrer. O ceu amplo e crystalino

Escutará os rogos e os lamentos
Da sua alma nos ultimos momentos?

E no estertor que pouco a pouco a invade,
Fitou, cheia de angustia e de saudade,

O pae que finge uma expressão tranquilla,
E vendo o triste ser que se aniquilla

De joelhos, a rezar junto do leito,
Sem uma queixa a transbordar do peito,

Sem uma lagrima a brotar dos olhos,
Pensa nas tempestades, nos escolhos

D'esse oceano de dôr tão represado,
Na desgraça d'aquelle desgraçado,

Vivo, mas já mais morto do que vivo,
A soffrer, a penar, sem linitivo,

Sem ter ninguem que o ame e possa erguel-o
Do horror d'esse afflictivo pesadello,

E olhando-o, a voz tranzida d'amargura,
Banhada em pranto, a agonisar, murmura:

—Pobre pae, tão doente e tão velhinho...
Eu vou deixal-o, e vae ficar sósinho!—

É noite. Á luz mortiça da candeia,
Que a um canto da mansarda bruxoleia,

Dando aspectos de vida e movimento
Ás sombras pavorosas do aposento,

Quasi a acabar, arqueja a moribunda,
Enregelada no suór que a innunda,

E os cabellos lhe empasta, esses cabellos
Leves e fartos, que era um gosto vel-os

Em ondas d'oiro esparsos pelas costas.
Tem os olhos fechados, as mãos postas,

E em Deus o pensamento, que parece
Extinguir-se na derradeira prece.

Já mal respira. O velho, suspeitando
Que a filha morre, ergue-se cambaleando,

Vae buscar a candeia, chega-a ao rosto
Da moribunda, e ao vel-o decomposto,

N'uma expressão de morte, austera e calma,
Grita:—Bemvinda, ai filha da minha alma,

Tu morres, ouve, escuta o que te digo,
Espera um pouco e leva-me comtigo!—

Bemvinda não o ouviu, não respondeu,
E n'um ligeiro frémito, morreu.

V

V

Os nervos do sineiro então reagem.
Tomado d'uma subita coragem,

Tragicamente silencioso, olhando
O corpito esburgado e miserando

Da filha morta, resolveu tranquillo
Pentear-lhe os cabellos e vestil-o,

Como quando a levára pela mão
A tomar a primeira communhão.

Tirou d'uma arca velha o corpo e a saia
Do vestidinho branco de cambraia,

E, todo elle inclinado sobre o leito,
Vestiu-lh'o com tal graça e com tal geito,

Como se fosse a mãe que com meiguice
Para uma festa alegre lh'o vestisse.

E vendo-lhe os cabellos empeçados,
Lá lh'os desempeçou com mil cuidados,

Armando-lh'os em rólos sobre a testa,
Como se fosse a rir para uma festa.

A madrugada não rompera ainda.
As rosas predilectas de Bemvinda

Estão, longe da mão que as abandona,
Brancas e frias como a sua dona.

Quando o velho sineiro vae colhel-as,
N'um ceu de lucto choram as estrellas.

Quebra o silencio o rythmo pendular
Do relogio na torre a soluçar.

Só elle, cujas mortas alegrias
Se afundam n'um mar alto d'agonias,

Não lhe é dado o chorar, o achar conforto
Entre as dôres e angustias do seu horto,

Que Deus não quer humedecer de pranto
Os seus olhos febrís, cheios de espanto.

Então, como um somnambulo, caminha...
Pega no ramo e n'uma almofadinha,

E os braços estendendo com cuidado,
Aperta ao peito o corpo inteiriçado,

Cuja cabeça, sem causar-lhe assombro,
Lhe cahiu docemente sobre o hombro.

Desce depois a escada, de vagar.
Parece que tem medo de a acordar.

E no percurso da espiral comprida,
Julga talvez que a leva adormecida.

Na egreja, em baixo, corta as trevas densas
A frouxa luz das lampadas suspensas.

Por detraz da rosacea que descora,
Mal se adivinha o despontar da aurora.

Na penumbra dos nichos recatados,
Pendem da cruz aspectos resignados,

E ha, entre o alvôr symbolico dos lirios,
Gestos de dôr, visagens de martyrios,

De atormentadas virgens supplicantes,
Erguendo os olhos para os ceus distantes.

Ao depôr o cadaver na capella
Da Virgem Mãe, que foi madrinha d'ella,

Sobre o tapete, carinhosamente,
Temendo, como quando estava doente,

Que a molestasse um movimento brusco,
Foi atravez o incerto lusco-fusco

Buscar a tumba e erguel-a sobre o estrado,
Entre quatro brandões de cada lado.

Quando a metteu no esquife, pôz-lhe á pressa
A almofada debaixo da cabeça.

Nas mãos de cera, finas e mimosas,
Postas em cruz, intercalou-lhe as rosas.

E ageitando-lhe as dobras do vestido,
N'um extase, fitou enternecido,

Docemente inclinado sobre o peito,
O rostinho de morta, alvo e desfeito,

Que o oiro dos cabellos lhe circumda.
Depois, n'uma explosão de dôr mais funda,

O corpo em febre, a alma desvairada,
N'uma vertigem doida, galga a escada,

Entra na torre, e em impetos convulsos
Atou as cordas fortemente aos pulsos,

E com tal força as repuxou, que os sinos
Estrugiram nos ares crystalinos

Da madrugada clara que rompia.
Acorda toda a gente que dormia,

E ouvindo um tal fracasso pelos ares,
Pensou que os grandes bronzes seculares,

Tocados por um doido, brutalmente,
Rebentando as amarras de repente,

Tinham cahido em estilhas na calçada...
Mas em seguida não se ouviu mais nada.

. . . . . .
. . . . . .

Encontraram depois o velho morto,
Estendido de costas, como absorto,

Olhos pasmados para o sol distante
Que lhe alumia o tragico semblante,

Todo banhado em sangue e as mãos crispadas
Inda prezas ás cordas retezadas,

N'uma extranha e fantastica expressão...
Tinha-lhe rebentado o coração.

(Da *Musa Alemtejana*).

Figueira — Dezembro de 1902.

BIBLIOTHECA PUBLICA DE EVORA

LIVRARIA EDITORA

TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5, Largo de Camões, 6 — LISBOA

Antonio Feijó

Cancioneiro chinês — 2.ª edição, revista e accrescentada, 1 vol. 800

C. Malheiro Dias

Filho das Hervas — 4.º milhar 800
Os Telles d'Albergaria — 2.º milhar 800
Paixão de Maria do Céo — 2.º milhar 800
Amor de mulher — (no prélo).

Conde de Monsaraz

Bemvinda — (Poemeto). 1 vol. 200

Julio Dantas

A Ceia dos Cardeaes — 6.ª edição 200
D. Beltrão de Figueirôa 200
Paço de Veiros. 300

P. Mantegazza

Problema do casamento — 2.ª edição (no prélo) . 700
Fisiologia da mulher 700
Amor dos homens. 700
Hygiene do amor 700

Teixeira Gomes

Cartas sem moral nenhuma — 1 vol. 600

Dr. Veressaief

Confissões d'um medico — 1 vol. 600

Vieira da Costa

Entre montanhas (Scenas do Douro) 800